

Cenários e processos de socialização docente: um estudo com professores de ginástica artística

RESUMO

Estudos acerca das trajetórias pessoal e profissional e da formação de professores/treinadores são crescentes no âmbito acadêmico. Assim, com base nos processos de socialização antecipatória e profissional, propostos por Dubar, buscou-se compreender como ocorreram esses processos de socialização de professores/treinadores, que atuam no contexto extraclasse do esporte Ginástica Artística (GA), em uma cidade do estado do Rio Grande do Sul. De caráter qualitativo, este estudo de caso utilizou dois instrumentos, questionário fechado e entrevista semiestruturada. Os resultados revelaram que com relação à socialização antecipatória, as primeiras aproximações com a Ginástica Artística e/ou atividades físicas foram proveitosas e decisivas para a formação desses sujeitos, visto que, para os professores/treinadores entrevistados as identidades herdadas consolidaram-se. Quanto à socialização profissional, ficou evidente que os saberes envolvidos na formação inicial e na formação continuada, geraram avanços nas práticas cotidianas com Ginástica Artística, sinalizaram, ainda, a contribuição entre os pares como importante fonte de aprendizado.

PALAVRAS-CHAVE: Processos de socialização; Ginástica; Formação; Formação inicial; Trajetória

Juliana Diel de Arruda

Mestra em Educação em Física
Universidade Federal de Pelotas, Escola
Superior de Educação Física, Pelotas, Brasil
prof.juliana.arruda@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2024-9247>

Mariângela da Rosa Afonso

Doutora em Educação Física
Universidade Federal de Pelotas, Escola
Superior de Educação Física, Pelotas, Brasil
mrafonso.ufpel@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8853-719X>

José Antônio Bicca Ribeiro

Doutor em Educação Física
Universidade Federal de Pelotas, Escola
Superior de Educação Física, Pelotas, Brasil
jantonio.bicca@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1638-6687>

Gabriela Diel de Arruda

Mestra em Educação Física
Universidade Federal de Pelotas, Escola
Superior de Educação Física, Pelotas, Brasil
prof.gdarruda@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9046-1067>

Scenarios and processes of teacher socialization: a study with artistic gymnastics teachers

ABSTRACT

Studies about personal and professional trajectories and the training of teachers/coaches are growing in the academic field. Thus, based on the anticipatory and professional socialization processes proposed by Dubar, we sought to understand how these processes of socialization of teachers/coaches happened, who work in the extra-class context of the sport Artistic Gymnastics (GA), in a city in the state of Rio Grande do Sul. Qualitative in nature, this case study used two instruments, a closed questionnaire, and a semi-structured interview. The results revealed that with regard to anticipatory socialization, the first approximations with Artistic Gymnastics and/or physical activities were beneficial and decisive for the formation of these subjects, since, for the teachers/coaches interviewed, the inherited identities were consolidated. As for professional socialization, it was evident that the knowledge involved in initial training and continuing training generated advances in daily practices with Artistic Gymnastics, also signaled the contribution between peers as an important source of learning.

KEYWORDS: Socialization processes; Gymnastics; Formation; Initial formation; Trajecto

Escenarios y procesos de socialización docente: un estudio con profesores de gimnasia artística

RESUMEN

Los estudios sobre trayectorias personales y profesionales y la formación de profesores/entrenadores están creciendo en el campo académico. Así, con base en los procesos de socialización anticipatoria y profesional propuestos por Dubar, buscamos comprender cómo ocurrieron esos procesos de socialización de los profesores/entrenadores, que actúan en el contexto extraclase del deporte Gimnasia Artística (GA), en una ciudad de el estado de Rio Grande do Sul. De naturaleza cualitativa, este estudio de caso utilizó dos instrumentos, cuestionario cerrado y entrevista semiestructurada. Los resultados revelaron que en lo que se refiere a la socialización anticipatoria, las primeras aproximaciones con la Gimnasia Artística y/o actividades físicas fueron beneficiosas y decisivas para la formación de estos sujetos, ya que, para los profesores/entrenadores entrevistados, se consolidaron las identidades heredadas. En cuanto a la socialización profesional, se evidenció que los conocimientos involucrados en la formación inicial y en la formación continua generaron avances en las prácticas diarias con la Gimnasia Artística, también señalaron el aporte entre pares como importante fuente de aprendizaje.

PALABRAS-CLAVE: Procesos de socialización; Gimnasia; Formación; Formación inicial; Trayectoria

INTRODUÇÃO

Ao tentarmos compreender as trajetórias pessoal e profissional de professores/treinadores, no contexto em que estão imersos, buscamos nos estudos de Dubar (2005), entender os processos de socialização dos professores de Educação Física, que atuam no contexto extraclasse de Ginástica Artística. Para tal, resgatamos os conceitos de Identidade, de Socialização Antecipatória e de Socialização Profissional necessários para a contextualização do universo de formação e para o processo de consolidação da docência.

Em uma perspectiva sociológica Dubar (2005, p. 136) relaciona o conceito de identidade como algo que faz parte do processo de socialização, e depende da “relação identidade para si e identidade para o outro ao interior do processo comum que a torna possível e que constitui o processo de socialização”. Assim, o autor define o conceito de Identidade em “nada mais é que o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições” (DUBAR, 2005, p. 136).

No campo da Educação Física, Pires (2016), com base nos estudos de Dubar (2005), traz esses conceitos para a área e aponta que a identidade profissional se relaciona com as experiências anteriores à profissão e com às suas motivações. Desse modo se estabelece a ligação entre uma experiência prévia enquanto atleta e suas escolhas profissionais. A autora argumenta que é durante essa experiência que as identidades herdadas, se consolidam ou não em suas carreiras.

De acordo com esses entendimentos, Tardif (2012, p. 57) faz reflexões acerca da prática profissional docente, a descreve não somente como algo para os outros, mas também como algo para si, pois “sua identidade carrega as marcas de sua própria atividade, e uma boa parte de sua existência é caracterizada por sua atuação profissional”.

Para os conceitos de processos de socialização, Dubar (2005, p. 67) considera a socialização antecipatória como “processo pelo qual um indivíduo aprende e interioriza os valores de um grupo (de referência) ao qual deseja pertencer. Essa socialização o ajuda a ‘se alçar nesse grupo’ e deveria ‘facilitar sua adaptação no grupo’”. No que tange à Educação Física, esse processo ocorre de forma frequente pelas experiências vivenciadas na infância e na adolescência, e posteriormente, influenciam nas escolhas futuras para o desenvolvimento pessoal e profissional dos sujeitos (PIRES, 2016; SILVA, 2018).

Para além da socialização antecipatória, também trazemos neste espaço a discussão sobre a socialização profissional em Dubar (2005), o autor a descreve como um processo muito geral que

conecta permanentemente situações e percursos, tarefas a realizar e perspectivas a seguir, relações com outros e consigo (*self*), concebido como um processo em construção permanente, ele ainda argumenta que é por esse e nesse “drama social do trabalho” que se estruturam mundos do trabalho e que se definem os indivíduos por seu trabalho (DUBAR, 2005, p. 358).

Na área da Educação Física já emergem estudos que visam interpretar os processos de ingresso na carreira, formação inicial, formação continuada, prática profissional e protagonismo diante do cenário do qual os professores fazem parte (ANDRADE, 2011; FOLLE; NASCIMENTO, 2009; SILVA, 2018), a exemplo disso, Sampaio *et al.* (2020) buscam analisar a influência dos contextos sociais de treinadoras de ginástica rítmica, com base em aprendizagens adquiridas ao longo da vida.

Os estudos de Marques, Nunomura e Menezes (2016), em relação aos parâmetros utilizados para pensar sobre os professores/treinadores, demonstram que não somente aspectos quantificáveis são levados em consideração, mas, que atualmente, também há um crescente interesse nessa seara, uma vez que, entende-se o esporte como um fenômeno tão diverso, logo, fatores como a formação de professores/treinadores devem ser tratados por uma perspectiva sociológica, considerando toda a sua complexidade.

Para melhor ilustrar os parâmetros acima descritos, os estudos de Galatti *et al.* (2016), sobre a produção científica acerca do treinamento no Brasil, revelam uma média de cinco artigos publicados por ano, em 15 anos, em oito periódicos selecionados. Os resultados mostram que 37,7% dos artigos são focados no pensamento (sensações, crenças) e 29,5% no comportamento de treinadores. Nesse bojo, citamos também a pesquisa realizada por Aleixio e Nunomura (2018, tradução nossa) a respeito do projeto: "Coming of age: Towards best practice in Women's Artistic Gymnastics" – “Amadurecimento: Rumo às melhores práticas na Ginástica Artística Feminina”, que objetivou analisar as experiências de ginastas mais velhas e os fatores que contribuíram para o prolongamento de suas carreiras.

No Brasil, nos deparamos com um cenário de escassez na modalidade de Ginástica Artística no contexto escolar (NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2003). Essas autoras argumentam que as dificuldades encontradas para trabalhar com a modalidade esportiva advém de fatores relativos à formação inicial, pois a consideram inadequada ou insuficiente, bem como a fragilidade dos espaços para essa prática e a escassez de materiais para a realização de aulas.

Para Kumakura (2012), esportes como a Ginástica Artística são importantes, uma vez que ofertam um riquíssimo repertório motor às crianças pela sua prática e caracterizam não somente os “primeiros passos” na Ginástica Artística, mas também servem de base motora para outras atividades.

No que concerne as atividades no panorama da Educação Física escolar, Andrade (2011) traz importante contribuição do contexto extraclasse, quando sinaliza as possibilidades de trabalho com esporte, caracteriza o perfil do professor/treinador de Educação Física e descreve esse nicho escolar pelas suas características próprias, visto que, há oferta de atividades para os alunos, que em tese, participam por opção. A autora afirma tratar-se de uma forma de utilização do esporte que promove: “o desenvolvimento de capacidades e habilidades físicas, a ampliação do universo cultural, favorece o espírito de cooperação e colaboração na busca de um objetivo” (ANDRADE, 2011, p. 22).

Diante desse cenário, a partir dos processos de socialização antecipatória e profissional, buscamos compreender as interfaces desses processos de socialização de professores/treinadores de Educação Física, que atuam no contexto extraclasse da Ginástica Artística, em uma cidade do sul do estado do Rio Grande do Sul.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada de modo qualitativo e utilizou como método o estudo de caso proposto por Yin (2015, p. 3), descrito como um método que “investiga um fenômeno contemporâneo (o ‘caso’) em seu contexto no mundo real”, tal que, pode “incluir casos únicos ou múltiplos, pode ser limitado a evidências quantitativas e pode ser um método útil para fazer uma avaliação”.

Em um primeiro momento foram exploradas as instituições da rede pública de ensino, em contato com a Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED) e com a Coordenadoria Regional de Educação (CRE), nos informaram que não havia registros de atividades extraclasse de Ginástica Artística de forma institucionalizada, com cargas registradas pelas direções de escola e/ou professores disponíveis para atender a modalidade na rede pública de ensino.

Ainda assim, no estudo foi incluído um projeto vinculado à Prefeitura Municipal, em parceria com uma Instituição de Ensino Superior (IES) da cidade, que atendia crianças regularmente matriculadas em escolas da rede pública, localizadas próximo às dependências da referida IES – local onde aconteciam as atividades. Nesse espaço, as atividades ocorreram em turno inverso e alguns integrantes já participaram de competições locais, tendo dessa forma características de atividade extraclasse.

Assim, fizeram parte da amostra, os professores/treinadores do Projeto da Prefeitura Municipal e os professores atuantes na esfera da rede privada do ensino básico, de cinco escolas

localizadas em diversos bairros nessa cidade do sul do estado do Rio Grande do Sul, identificados neste trabalho como Entrevistados (E).

Para a coleta de dados foram utilizados dois instrumentos, um prévio questionário de 20 questões (fechado) e em seguida uma entrevista semiestruturada de 23 questões. O período da coleta de dados foi de 1º de outubro a 27 de novembro de 2020. Toda coleta ocorreu de forma *online*, para obedecer aos protocolos de distanciamento social e para evitar a contaminação, devido à pandemia por COVID-19 (doença do corona vírus, no ano de 2019) desde o início do ano de 2020. Segundo a Fundação Oswaldo Cruz (SCHUELER, 2020) uma pandemia é quando uma nova doença atinge todos os continentes e espalha-se pela contaminação de pessoa para pessoa.

No primeiro instrumento, os sujeitos foram questionados sobre informações referentes aos aspectos de caracterização do perfil profissional (ano de formação; instituição de ensino; formação continuada; e atuação profissional), por meio de questionário, disponibilizado através de link do *Google Forms*, ferramenta *online* e gratuita de coleta e de organização de informações em pequena ou grande quantidade.

Posterior ao questionário, uma entrevista semiestruturada foi realizada para averiguar maiores detalhes dos processos de socialização antecipatória e profissional desses professores/treinadores de Educação Física atuantes no âmbito da Ginástica Artística. Todo o processo de entrevistas foi realizado de forma virtual, foi utilizado o aplicativo *Zoom*, ferramenta *online* e com opção gratuita, que viabiliza reuniões com qualidade, segurança e registro da atividade. Assim, todas as entrevistas foram gravadas (áudio e vídeo), transcritas, devolvidas em áudio e texto para os entrevistados, de forma que o conteúdo produzido fosse apreciado e consentido para utilização na pesquisa.

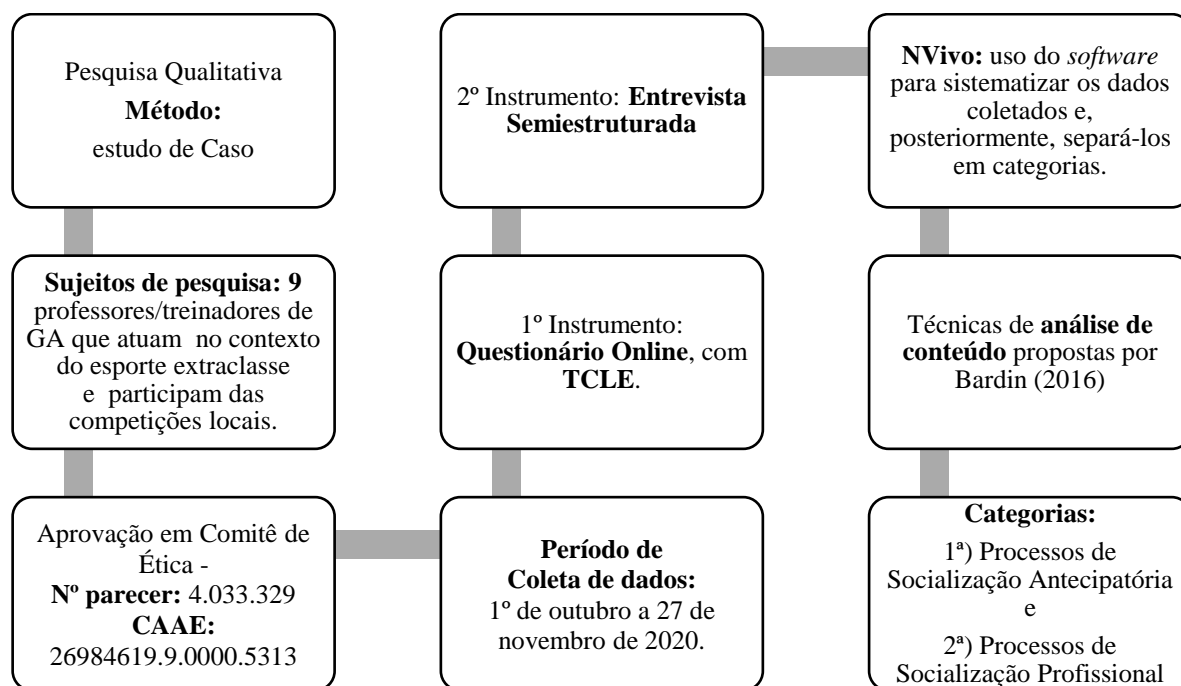
De posse dos dados, o conteúdo coletado foi sistematizado com o *software* NVivo versão 10, QSR *International*, conforme já utilizado em estudos anteriores (SAMPAIO *et al.*, 2020; BARROS, 2016; TOZETTO, 2016), de modo que o material produzido estivesse organizado por questões e em suas devidas categorias – elaboradas a partir da análise dos dados. Após essa organização, analisamos esses dados por técnicas de análise de conteúdo propostas por Bardin (2016).

Os dados foram estruturados em duas grandes categorias, a primeira denominada de “Socialização Antecipatória: primeiras aproximações com a GA” e a segunda denominada “Socialização Profissional: construção dos saberes para trabalhar com GA no extraclasse”.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisas e foi aprovada sob o N° do parecer: 4.033.329 e CAAE 26984619.9.0000.5313. Em conformidade com os aspectos éticos, o

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi fixado no primeiro instrumento de coleta de dados. Para melhor visualização dos caminhos metodológicos, segue a figura abaixo:

Figura 01: Caminhos metodológicos



Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação ao perfil dos sujeitos, dos nove professores/treinadores envolvidos no estudo, sete eram mulheres e dois eram homens, com faixa etária entre 23 e 56 anos de idade e com as seguintes formações: formados em Licenciatura Plena: E1, E3, E5, E7 e E8; somente Licenciatura E2 e E9, e Bacharelado: E4 e E6.

Dos nove sujeitos, apenas três, E1, E2 e E6, ainda não possuíam nenhum nível de pós-graduação, os entrevistados E5 e E9 possuem formação *Lato Sensu*, já E3 e E4 estão inseridos na pós-graduação *Stricto Sensu*, E8 já concluiu o mestrado, e E7 já é doutor. Essa heterogeneidade também se observa pelo tempo de atuação, que está diretamente ligado ao período em que cada um dos entrevistados finalizou a formação inicial, com variação das experiências entre Educação Física no contexto das aulas regulares na rede de ensino (exceto bacharéis e a E2) e aulas ministradas no espaço extraclasse.

No que se refere à atuação com o trabalho extraclasse em Ginástica Artística os sujeitos também apresentaram diferentes trajetórias profissionais e tempos de envolvimento com a

modalidade. E1, 25 anos; E2, 2 anos; E3, 15 anos; E4, 1 ano; E5, 18 anos; E6, 7 meses; E7, 6 anos e E8, com maior tempo de dedicação tem 32 anos de trabalho extraclasse. O sujeito E9 tem um ano como professor/treinador. Esses professores/treinadores atuam no contexto extraclasse da Ginástica Artística em pelo menos uma escola cada um, exceto E7 que hoje trabalha somente no Projeto.

Os resultados foram dispostos em duas grandes categorias, organizadas em quadros sintéticos e falas dos sujeitos investigados. A primeira categoria denominada de “Processos de Socialização Antecipatória – primeiras aproximações com a GA”, traz as primeiras aproximações vivenciadas pelos sujeitos com a modalidade esportiva, como experiências enquanto atletas da modalidade, e/ou outras práticas corporais, e a influência dessas aproximações com as suas decisões profissionais, percepções acerca da formação inicial e marco para trabalhar com a Ginástica Artística.

Já a segunda categoria trata do “Processo de Socialização Profissional – construção dos saberes para o trabalho com GA no extraclasse”, e apresenta aspectos que versam em torno dos fatores que levaram esses professores/treinadores a trabalhar com a Ginástica Artística e no contexto extraclasse, e os saberes envolvidos nesse processo; como foram mobilizados; quais saberes lhes dão suporte; como esses professores/treinadores se mantêm atualizados (incluindo a importância da literatura científica); e como esses professores/treinadores percebem a colaboração entre seus pares.

Categoria 1: Processos de Socialização Antecipatória – primeiras aproximações com a GA

A primeira categoria expressa no Quadro 01, apresenta também a transição entre a socialização primária para secundária. Para além da socialização antecipatória, as socializações primária e secundária, da mesma forma, são percebidas na linha do tempo desses professores/treinadores de Educação Física, visto que, se considera desde a primeira aproximação com a Ginástica Artística, a influência dessa aproximação, entrada na graduação em Educação Física e atuação até os dias de hoje (DUBAR, 2005).

Para melhor compreensão fazemos o resgate de alguns conceitos do autor. A socialização primária trata da incorporação de saberes básicos *no* e *com* o aprendizado primário da linguagem, que assegura “a posse subjetiva de um eu e de um mundo” e “modelos predefinidos de condutas típicas” (DUBAR, 2005, p. 121-122). Já a socialização secundária é “definida como ‘interiorização de

subdivisões de mundos institucionais especializados’ e ‘aquisição de saberes específicos e de papéis direta ou indiretamente arraigados na divisão do trabalho’” (DUBAR, 2005, p. 121-122).

No Quadro 01 apresentamos como os sujeitos se relacionam com suas aproximações com a Ginástica Artística e como elas foram determinantes em suas vidas para resultar na escolha profissional, bem como suas percepções acerca da contribuição a partir da formação inicial:

Quadro 01 – Processos de Socialização Antecipatória – primeiras aproximações com a GA

Sujeitos	Primeira aproximação e contato com Ginástica Artística	Motivações para a escolha profissional	Formação inicial e contribuições para o exercício profissional	Marco para trabalhar com a Ginástica Artística e no extraclasse
E1	Aos 12 anos contato com a Ginástica Artística na escola regular.	Escolheu a EF em virtude da prática da Ginástica Artística, para seguir no campo profissional como treinadora.	1993 Lic. Plena Baixa contribuição, relata que a formação inicial agregou pouco.	Oportunidade de emprego. Início de carreira no contexto extraclasse.
E2	Aos 7 anos influência de colegas de escola, que participavam de projeto de Ginástica Artística. Foi atleta.	Escolheu a EF em virtude da prática da Ginástica Artística, para seguir atuando no esporte.	2018 Licenciatura Alta, destacou presença de professores vinculados à área.	Oportunidade de estágio, no extraclasse. Em 2015, ingressa na graduação EF para seguir atuando com a Ginástica Artística.
E3	Aos 8 anos começa a vivência no esporte. Praticava dança em local que também ofertava Ginástica Artística.	Escolheu a EF por praticar dança, conhecer a Ginástica Artística e influência de amigos.	2004 Lic. Plena Importante, as disciplinas foram fundamentais. Na graduação em Educação Física foi monitora de Ginástica Artística.	Não atribui um marco para o trabalho com a Ginástica Artística, nem no extraclasse. A partir da aproximação com dança migrou para o campo da Ginástica Artística.
E4	Aos 5 anos praticava esporte extracurricular em escola de Ginástica Artística, na infância. Foi atleta.	Escolheu a EF influenciada pela prática da Ginástica Artística, para ser treinadora.	2019 Bacharelado Relata que foi importantíssima, sua formação em Bacharel agregou saberes específicos do treinamento.	Entrada na graduação. Com oportunidade de estágio no contexto extraclasse. Afirma ter sido circunstancial, atribui também à experiência como atleta e aluna.
E5	Praticava dança contemporânea na formação inicial, percebeu semelhanças.	As primeiras aproximações na formação inicial influenciaram a aceitar posterior oportunidade de emprego.	2002 Lic. Plena Importante. Ressalta que foi na graduação seu primeiro contato com a Ginástica Artística.	Fascínio por acompanhar a evolução das crianças e considera o extraclasse circunstancial.
E6	Aos 16 anos acompanhava os Jogos Olímpicos e praticava atividades circenses, local onde também havia prática de Ginástica Artística.	Contato com a Ginástica Artística pela escola circense fez com que se interessasse pela realização de estágios de	2019 Bacharelado Ajudou muito a questionar as práticas que ele conhecia, abrindo novos horizontes sobre a	Percepção de que poderia ampliar seu leque de movimentos e horizontes na Ginástica Artística. Quanto ao extraclasse, foi por uma oportunidade profissional.

		graduação.	Ginástica Artística.	
E7	Aos 7 anos praticava o esporte em escola de Ginástica Artística, onde o pai era treinador. Foi atleta.	Escolheu a EF influenciada pela prática da Ginástica Artística, para ser treinadora.	2004 Lic. Plena Importante para organização do trabalho pedagógico.	Atribui à conexão com as crianças e apreço pelo espaço escolar. Quanto ao extraclasses, afirma que foi por oportunidade de emprego.
E8	Aos 8 anos praticava Ginástica Artística em atividades extraclasses, em outra escola que não a sua. Foi Atleta.	Dentre outras opções de graduação, acabou escolhendo a EF por ter maior familiaridade. Já conhecia os espaços e a influência de familiares por conta da Ginástica Artística.	1989 Lic. Plena Baixas, mesmo possuindo graduação e mestrado.	Não identifica um marco, afirma que foi pelas aproximações desde a infância e a carreira na Educação Física. E que o extraclasses foi por motivação financeira.
E9	Contato com a modalidade na escola regular, no ensino fundamental. Foi atleta.	Escolheu a EF pela prática do esporte Ginástica Artística, em virtude do que este esporte agregou à sua vida.	2013 Licenciatura Importante pela parte técnica, metodológica, pedagógica.	Trabalhar com a Ginástica Artística foi por uma oportunidade profissional já no extraclasses.

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Os entrevistados E1, E2, E4, E7, E8 e E9 ao serem questionados sobre suas primeiras aproximações com a Ginástica Artística responderam que foram atletas, e com relação a isso, confirmaram que com certeza suas vivências na Ginástica Artística influenciaram muito suas decisões profissionais e opção pela Educação Física, exceto E8, que afirmou ser circunstancial sua entrada na Educação Física e não atribuiu à vivência com a Ginástica Artística.

Em suas trajetórias profissionais os entrevistados afirmaram ser a formação um modo de continuar em contato com o esporte, atuando como professores/treinadores dessa modalidade, encarando a opção pela formação inicial em Educação Física como uma possibilidade de agregar uma carreira profissional ao seu passado na Ginástica Artística.

Essa identificação com a profissão decorrente das experiências prévias com a modalidade e contato com membros de um grupo de referência, com os quais fizeram parte de sua trajetória enquanto atletas – professores/treinadores, por exemplo – caracteriza o processo de projeção pessoal em uma carreira futura, conforme processo já descrito de socialização antecipatória (DUBAR, 2005).

Aliado a essas constatações, Silva (2018) corrobora ao afirmar que a importância da motivação para a profissão é percebida por fatores pessoais, econômicos e/ou sociais que influenciam a escolha, assim, considera-se a individualidade de cada um, com suas experiências e suas expectativas. Percebemos essa possibilidade na fala da E2 o quanto a aproximação dela com a Ginástica Artística foi decisiva em sua vida profissional:

Eu acho que... bom com certeza tem tudo a ver né... Eu tive uma relação com a ginástica muito feliz em todos os momentos e eu acho que isso, eu, E2 devo muito aos profissionais que trabalharam comigo (E2).

[...] porque tem um momento na ginástica que a gente percebe, ã, que não vai, ã, não vai ter mais segmento, né, não vai render mais do que... acho... do que já rendeu, então ou tu larga e a minha opção foi de continuar de uma maneira diferente, através da... do outro papel né, papel de professor, então foi muito importante, até para dar seguimento (E2).

Em artigo de revisão sistemática sobre a produção do desenvolvimento profissional docente, em especial da Educação Física, os autores Folle e Nascimento (2008) concluem que a prática esportiva se apresenta como uma justificativa para a opção pela docência na Educação Física e ratificam que essa prévia vivência esportiva influencia na escolha profissional.

Por outro lado, os outros entrevistados E3, E5 e E6 apresentaram esse processo de socialização por vertentes diferentes, pode-se dizer que indiretas, uma vez que não possuíam histórico de atleta na modalidade.

A entrevistada E3 respondeu que praticava dança em uma academia existente na cidade, onde também eram ofertadas aulas de Ginástica Artística, em virtude disso, teve contato com o esporte desde cedo, respondeu que em parte foi através dessa aproximação que escolheu a carreira na Educação Física, o que culminou em hoje em dia trabalhar em duas escolas no contexto extraclasses da Ginástica Artística. A seguir trecho do relato:

[...] eu convivia com a ginástica assistindo às aulas que as outras crianças faziam de ginástica quase que diariamente, que era os dias que eu ia para dança e claro em alguns momentos a gente experimentava os aparelhos, a gente ia para cima do tablado brincar e ia se pendurar numa barra, ia subir na trave, enfim a gente brincava nos aparelhos de ginástica e essa coisa é minha vivência de toda a infância e até a vida adulta, aí quando eu entrei para Faculdade de Educação Física, ã, tinha o projeto né, do Professor [...] de extensão, que acontecia na academia que eu... que eu... já era... era quase minha casa academia, eu entrei pro projeto e aí então foi que eu aprendi mais coisas sobre ginástica artística e comecei a dar aula no projeto também (E3).

Com relação ao entrevistado E5 ficou evidenciado que a sua primeira aproximação com a Ginástica Artística também foi pela dança, ocorrida durante o processo de formação inicial em Educação Física. A partir dessa experiência houve o interesse pelo esporte, o que posteriormente gerou o aceite para trabalhar com a Ginástica Artística. Decorrente disso, seu envolvimento com a Ginástica Artística se mantém até os dias de hoje, embora tenha sido uma decisão circunstancial para a entrada na carreira, visto que, o entrevistado já estava na faculdade de Educação Física, este atrelou à oportunidade de emprego sua maior motivação para seguir na modalidade.

O entrevistado E6 afirmou que já acompanhava a Ginástica Artística pelas competições televisionadas, aos 16 anos passou a frequentar uma escola de circo, onde também se desenvolvia a modalidade Ginástica Artística, assim, a partir dessas aproximações entrou para curso de graduação em Educação Física e destacou a realização dos estágios da graduação nesse espaço não escolar em que são ofertadas práticas circenses e Ginástica Artística.

Os estudos de Sampaio *et al.* (2020) trazem a discussão sobre a trajetória de treinadoras de Ginástica Rítmica, reconhecem que não há somente um caminho possível a se trilhar, pelo contrário, as treinadoras de Ginástica Rítmica percorreram trajetórias de vida e de profissão bem distintas, com biografias e vivências diferenciadas, inclusive das cinco treinadoras estudadas pelos autores, duas não foram atletas.

Através de um resgate das falas dos sujeitos E3, E5, E6 as diferentes práticas corporais, como citadas pelos sujeitos, relacionadas às diferentes vivências aproximadas com a dança clássica; dança contemporânea; capoeira; *taekwondo*; esportes coletivos em geral; *muay thai* e circo, sinalizaram que apesar de não obedecerem à lógica de anteriormente à profissionalização serem atletas de Ginástica Artística, todos apresentaram em suas trajetórias de vida experiências diversificadas ligadas a práticas corporais.

Os entrevistados também foram questionados sobre como avaliavam as contribuições da formação inicial. Nesse momento resgatamos do perfil dos professores/treinadores, suas diferentes formações e períodos, para relacioná-las com a contribuição em suas práticas profissionais. Buscamos compreender esses processos e trazemos neste espaço os diferentes marcos de formação de cada um dos sujeitos.

Sob o título da Licenciatura Plena, E8 formou-se em 1989, sob a Resolução CFE nº 69/1969, que estabelece o currículo mínimo, a duração e a estrutura dos cursos superiores de graduação em Educação Física. “Essa proposta curricular visava tanto a formação do professor de Educação Física com licenciatura plena quanto a formação do técnico desportivo (habilitação obtida simultaneamente à licenciatura, com o acréscimo de mais duas matérias desportivas)”, conforme descrito no Parecer CNE/CES nº 58 de 18 de fevereiro de 2004 (BRASIL, 2004a, p. 2), que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física.

As entrevistadas E1 e E8, apesar de pertencerem a resoluções diferentes, apresentaram formação semelhante, mais geral e, de acordo com as entrevistadas, sem o aporte desejado para condução da profissão voltada para a prática docente com o esporte Ginástica Artística. Nesse sentido, E1 e E8 concordaram que suas passagens pela graduação agregaram muito pouco, reiteraram que suas trajetórias (de atletas a professoras) foram muito mais enriquecedoras do que a formação inicial

propriamente dita. E1 argumentou que saiu universidade sem saber ministrar aulas, de forma geral. As duas entrevistadas afirmaram que naquela época os estudantes aprendiam com a experiência.

Essas percepções vão ao encontro da literatura encontrada com ênfase nas lacunas da formação com relação à Ginástica Artística. Nunomura e Nista-Piccolo (2003, p. 187), constataam que há baixo incentivo para a modalidade se comparada a outras, ou em outros países, percebem defasagem, mesmo a Ginástica Artística estando na maioria dos cursos de Educação Física e em algumas escolas de ensino fundamental. Isso instigou a investigação (NUNOMURA e NISTA-PICCOLO, 2003, p. 187) desse panorama precário da modalidade no Brasil, revelou a frustração dos técnicos que participaram do estudo, conforme trecho a seguir: “Em relação ao curso de graduação e à disciplina de Ginástica Artística, percebemos que as expectativas dos técnicos não foram contempladas, uma vez que 40% deles se mostram insatisfeitos.” Se seguirmos essa linha, Carride *et al.* (2017, p. 85) afirmam que:

Os alunos não têm contato com esse conteúdo na escola, formam-se na universidade como professores de Educação Física com pouco contato – ou muitas vezes de forma inadequada – com a Ginástica e, conseqüentemente, acabam por não dar espaço para a Ginástica nas suas aulas nas escolas, dando continuidade ao ciclo, que tende a afastar ainda mais a ginástica da educação física escolar.

Em períodos diferentes de formação inicial, E1, E3, E5 e E7, formaram-se em 1993, 2004, 2002 e 2004, respectivamente, sob a Resolução CFE nº 3, de 16 de junho de 1987 (BRASIL, 1987), que afirma que os cursos de Educação Física deveriam possibilitar a formação integrada de conhecimentos e de técnicas que permitam uma atuação nos campos da educação escolar e não-escolar, desenvolvendo, de forma geral, atitudes crítico-reflexivas, democráticas, aprofundamento dos conhecimentos, estimulando a formação continuada, autorrealização pessoal e profissional. E se organizou em duas partes: formação geral e aprofundamento de conhecimentos.

Estes entrevistados, exceto E1 já relacionada com a E8, afirmaram que foi importante a contribuição da formação inicial em suas trajetórias, relataram que a graduação foi responsável por proporcionar conhecimentos de ordem pedagógica, como ensino de métodos, técnicas, seguranças e organização do trabalho docente. A seguir, é possível perceber essas asserções pela fala da entrevistada E7:

[...] minha formação foi bem importante, eu aprendi... é... eu acho que em termos ginásticos eu não aprendi muito, mas eu aprendi muita coisa que eu uso na ginástica, por exemplo, questões, é... de conhecer a criança, de conhecer, é... as questões didáticas, os planejamentos, a organização, então isso eu acho que foi muito importante (E7).

Na reformulação da Educação Física com a separação em duas carreiras – Licenciatura e Bacharelado, sob a titulação de Licenciatura, E2 e E9 formaram-se em 2018 e 2013, respectivamente, sob a Resolução CNE/CP nº 01 de fevereiro de 2002 (BRASIL, 2002), que Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura e de graduação plena.

Conforme descrição na Resolução nº 7, de 31 de março de 2004 (BRASIL, 2004b, p. 1): “o curso de Educação Física deverá assegurar uma formação generalista, humanista e crítica, qualificadora da intervenção acadêmico-profissional, fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta ética.” Ademais, de acordo com o Parecer CNE/CES nº 58/2004 (BRASIL, 2004a) o graduado em Educação Física além dos conhecimentos técnicos, deve saber lidar com situações do mundo do trabalho, bem como criticamente autoavaliar-se e relacionar-se com o universo acadêmico-profissional e sociedade em geral.

Essa formação já tem maior preocupação com questões específicas de cunho pedagógico e da organização escolar, conforme pode ser percebido pelas falas das entrevistadas E2 e E9:

[...] a gente teve uma época muito feliz dentro da ginástica, né, porque a gente conseguiu ter professores dentro da Ginástica Artística, que são pessoas dentro da área de Ginástica Artística, então acho que a gente teve... a gente conseguiu captar né, coisas muito interessantes pelo professor [...], a professora [...], agora teve com ginástica a professora [...], que também é uma profissional excelente (E2).
[...] a parte prática eu sabia alguma coisa por causa da... do meu passado de... de atleta sim, mas a parte técnica de até a parte de cuidados, de pegada, toda essa função para conseguir dar uma aula, passar o conhecimento certo, foi só... somente na faculdade (E9).

Por fim, com relação à outra titulação, formaram-se no Bacharelado E4 e E6, ambos em 2019, sob a Resolução nº 7, de 31 de março de 2004 (BRASIL, 2004b) e a Resolução nº 4, de 6 de abril de 2009 (BRASIL, 2009), esta última institui carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração de alguns cursos de graduação e inclui o Bacharelado em Educação Física. As manifestações dos bacharéis participantes desta pesquisa também atribuíram valores positivos para o período de formação inicial, conforme asserções abaixo:

[...] pra parte da equipe assim, ela foi muito, muito importante em função de que dentro é muito difícil, a ginástica é um esporte muito complexo tecnicamente né, então eu acho que nessa parte foi realmente fundamental, principalmente para trabalhar com as gurias ali no treinamento (E4).
[...] foi a formação acadêmica né, que me ajudou a questionar muita coisa, em vez de realmente só fica assim: “Ah, isso é assim, porque é.” Tá, mas, por que é assim? (E6).

A formação inicial ofertada nos cursos de graduação gera possibilidades de novas atuações. Para Tardif (2012) as universidades impactam diretamente na sociedade, por ela e sob a responsabilidade dela passam sujeitos, como esses entrevistados, que com seus saberes atuam na formação e no desenvolvimento de outros sujeitos, este autor ressalta o papel e o peso das universidades, em suas considerações preliminares acerca do saber docente enquanto plural, estratégico e desvalorizado, e reitera que:

Nas sociedades contemporâneas, a pesquisa científica e erudita, enquanto sistema socialmente organizado de produção de conhecimentos, está inter-relacionada com o sistema de formação e de educação em vigor. Essa inter-relação se expressa concretamente pela existência de instituições que, como as universidades, assumem tradicional e conjuntamente as missões de pesquisa, de ensino, de produção de conhecimentos e de formação com base nesses conhecimentos. (TARDIF, 2012, p. 34).

As percepções positivas a respeito da formação inicial encontradas nas respostas desses sete entrevistados exemplificam um avanço na formação inicial em Educação Física, por demonstrarem estar mais preocupadas com a Ginástica Artística, de forma que a maioria disse que de algum modo foi contemplado o suficiente com os conhecimentos adquiridos na graduação a ponto de atuar na área.

Quanto ao espaço de atuação desses professores/treinadores é possível perceber que o extraclasse dentro da organização das escolas, via de regra, também pode ser ocupado por diferentes profissionais da área da Educação Física, contemplando licenciados e bacharéis. Isso ocorre em virtude das características do esporte extraclasse, que são distintas do esporte abordado nas aulas regulares de Educação Física.

A forma sistematizada com que o esporte é abordado no contexto extraclasse – que remete ao rendimento – e a motivação, tanto de alunos quanto de professores, são diferentes (ANDRADE, 2011). Os objetivos nesse contexto compreendem a busca por melhores resultados e performance, visto que, a competição é parte fundamental desse processo e além disso possibilita detectar talentos.

Os métodos de ensino do esporte se assemelham mais ao contexto do treinamento, porque consideram as especificidades da modalidade em questão e necessitam de constante atualização técnica do professor (GRAÇA, 2004). Por outro lado, o mesmo autor também admite que, para além da descrição acima, as atividades esportivas contribuem para a formação integral dos indivíduos, tanto em caráter pessoal, moral e social quanto em saúde, aptidão física e motora.

Os entrevistados também foram questionados acerca dos motivos que os levaram a trabalhar com a Ginástica Artística e no contexto extraclasse, neste sentido três aspectos destacaram-se: 1) situação circunstancial; 2) oportunidade profissional; 3) conexão com as crianças. Os sujeitos E1, E2,

E3, E4 e E5 responderam que foi circunstancial e que não houve um momento marcante, mas que desde suas primeiras aproximações até as situações que se seguiram os levaram a trabalhar com Ginástica Artística e no contexto extraclasse. Quando questionados, E6, E7, E8 e E9, relataram que foi pelas oportunidades de emprego, por isso não atribuíram essencialmente à Ginástica Artística, mas pontuaram que naquele momento tiveram oferta de trabalho e assim trabalham com Ginástica Artística.

Além disso, E5 e E7, também afirmaram que as suas conexões com as crianças, fascínio pelo acompanhamento delas e o espaço escolar fizeram parte do rol de motivos que os levaram a trabalhar com a Ginástica Artística. É possível perceber de forma clara essas asserções pela fala dos próprios entrevistados, conforme abaixo:

[...] é uma coisa que é bom de fazer, aí então aquilo vai te levando, tu vai vendo que vai dando certo, que tu vai procurando, vai estudando e vai melhorando a tua aula, tu vê que vai vindo os pais te veem em competição, vão lá e dizem assim: “Ah, onde é que é... Ah, legal de ver o jeito que vocês tratam as crianças, né, que bom, não sei o que...” Então eu acho que não teve um gatilho assim, foi, foi... as coisas foram me levando e... e aconteceu que agora eu só trabalho com... só com ginástica (E5).

[...] realmente o vínculo empregatício mesmo, foi a possibilidade de... de trabalhar com... com a ginástica realmente de maneira remunerada, foi realmente o norte e aí foi... foi bem isso, financeiro. Foi o que que me levou para ginástica, eu já tava me... me encaminhando para outra modalidade, já vinha focando um ano só na faculdade para conseguir me formar e aí tava ali prestes a me formar... surgiu esse, essa possibilidade de trabalhar com ginástica no extraclasse, aí eu realmente me atirei (E6).

[...] como eu tava na escola é... eu entendia bem o que a criança precisava, o que eu tinha que ensinar para os meus alunos, para eles poderem chegar na escola e saber o que eles tinham que dar, então é... eu... eu sabia do espaço que eu tava falando, então sempre gostei de estar na escola, eu sempre gostei muito das crianças, de estar com as crianças. Muito... muito do meu caminho foi alterado durante a minha formação, foi por causa das crianças, né, então eu gosto muito de espaço escolar (E7).

Neste momento, retomamos a teoria da Socialização Antecipatória, uma vez que a maioria dos professores/treinadores atribuiu a situações circunstanciais sua entrada profissional no nicho da Ginástica Artística, isso porque suas vivências anteriores deram suporte para que eles continuassem suas trajetórias pessoais e profissionais ligadas a esse esporte. Mesmo que eles não tenham gatilhos ou momentos cruciais definidores, o próprio aceite às oportunidades profissionais ofertadas e a conexão com as crianças, estão ligados às aproximações com a Ginástica Artística e a influência dessas aproximações, o que reforça a proposta da teoria.

Assim, todos os aspectos acima citados, tais como: o marco inicial na Ginástica Artística, influência desse, contribuições da formação inicial e atuação com a Ginástica Artística, foram importantes para fazer um contraponto com a teoria da Socialização Antecipatória de Dubar (2005),

compreendemos que essas primeiras vivências e aproximações com a modalidade esportiva e/ou práticas corporais enquanto atletas, ou não, podem ser um dos fatores que sinaliza as escolhas profissionais futuras.

Categoria 2: Processo de Socialização Profissional – construção dos saberes para o trabalho com GA no extraclasses

A partir da compreensão de Socialização Profissional, proposta por Dubar (2005), o Quadro 02 apresenta aspectos que versam em torno dos saberes mobilizados nesse processo, e como esses professores percebem a existência, ou não, da colaboração entre seus pares.

Quadro 02 – Processo de Socialização Profissional –
Construção dos saberes para o trabalho com GA no extraclasses

Sujeitos	Mobilização de saberes para o exercício profissional	Meio de atualização profissional	Trabalho Colaborativo
E1	Experiências como atleta e professora.	Atualiza-se pela sua experiência do dia a dia, competições e cursos de arbitragem de Ginástica Artística.	Destaca parceria forte com antiga colega de trabalho e visitas a clubes de alto rendimento.
E2	Bagagem de atleta e cursos realizados.	Atualiza-se por cursos de formação. Aproveitou o momento pandêmico: acesso a treinamento <i>online</i> com a CBG ¹ .	Percebe que há forte colaboração entre pares.
E3	Formação inicial e ênfase nos saberes pedagógicos ² .	Atualiza-se por cursos, visitas a clubes de alto rendimento, internet, artigos e livros.	Pertence a uma turma forte de colegas que compartilham experiências desde a formação inicial.
E4	Bagagem de atleta e saberes específicos advindos da formação inicial.	Literatura auxilia muito, principalmente sobre aspectos pedagógicos do ensino da Ginástica Artística. Atualiza-se por artigos, capacitações da CBG e cursos de treinamento técnico.	Destaca três professoras como referência.
E5	Experiências como professor, realização de cursos, visitas a clubes de alto rendimento e assistir a competições.	Literatura auxilia muito, livros e vídeos ajudam na prática. Atualiza-se por cursos.	Parceiros em clubes de alto rendimento.
E6	Saberes mobilizados pelas experiências trabalhos com outros professores de Ginástica Artística, realização de estágios e também de forma autodidata.	Vídeos na internet ajudam muito. Os artigos científicos ajudam a questionar rendimento no contexto escolar. Relata ainda percepção autodidata.	Julga a troca entre profissionais ser a forma de aprendizagem mais importante.

¹ Confederação Brasileira de Ginástica.

² Tratam-se de saberes vinculados à pedagogia deste esporte de forma geral, como: ensinar, preparar as aulas, se preparar para as aulas, onde buscar conhecimentos, como avaliar os conhecimentos encontrados e produzidos, suas fontes se são confiáveis ou não.

E7	Trajetória vivenciada na Ginástica Artística como atleta, cursos realizados e formação inicial.	Literatura auxilia pouco sobre questões práticas e didático-metodológicas, mas que se mostra forte para questões de treinamento e psicológicas. Atualiza-se por cursos fora do país e vivências.	Acredita que há desde arbitragem, federação, comitê técnico, universo acadêmico e atuantes na Ginástica Artística no contexto local.
E8	Saberes mobilizados pela bagagem de atleta e iniciativa de sempre se manter atualizada.	Criticou a literatura. Atualiza-se em cursos. Afirma que a internet facilita para profissionais qualificados.	Percebe que há colaboração entre pares, porém julga como superficial.
E9	Trajetória vivenciada na Ginástica Artística como atleta, vivências práticas e formação inicial.	Conteúdos buscados na internet.	Destaca colegas de trabalho com quem troca experiências e materiais.

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Nesta categoria os entrevistados foram questionados acerca dos saberes que lhes dão suporte profissional, como/onde foram mobilizados. Os entrevistados foram unânimes ao reportar o fator experiência, mas com diferentes especificidades.

Quanto à mobilização dos saberes para o exercício profissional, os sujeitos E1, E2, E4, E7, E8 e E9 relataram que suas bagagens de atletas lhes dão suporte para tal. Além disso, E3, E4, E7 e E9 atribuíram à formação inicial a mobilização de conhecimentos específicos para a atuação profissional. Outros saberes ainda citados por E3 e E4 são os saberes pedagógicos, já E5 sinalizou que a aproximação com clubes de alto rendimento potencializou sua qualificação. Para E6 a realização de estágios e sua percepção autodidata deram-lhe suporte para uma melhor atuação profissional.

Alinhamos aos resultados encontrados e acima descritos aos conceitos de saberes docente e profissional propostos por Tardif (2012, p. 36), sendo o saber docente: “um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais.” E os saberes da formação profissional: “como o conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores (escolas normais ou faculdades de ciências da educação)”.

Para além desses saberes, também é oportuno descrevermos os saberes experienciais específicos e desenvolvidos na prática da profissão, no cotidiano do trabalho, incorporados pela “experiência individual e coletiva sob a forma de habitue e de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser” (TARDIF, 2012, p. 39).

Neste momento é importante retomarmos a socialização secundária porque a ela está atrelada à incorporação de saberes especializados, chamados profissionalizantes, que Dubar (2005) trata como maquinarias conceituais que compreendem um vocabulário, receitas, entre outros aspectos, que conduzem a uma concepção de mundo e, em contraponto, aos saberes da socialização primária são baseados em um campo especializado de atividades. Nas asserções abaixo fica evidente:

[...] os saberes pedagógicos são assim muito importantes... Porque se eu soubesse só a técnica da ginástica e a forma de ensinar ginástica e não soubesse lidar com as crianças, não ia adiantar. [...] a questão da segurança na ginástica ali, mais específico da ginástica, acho que assim, a segurança é importantíssimo. [...] claro que a graduação, ã, é que nos insere muito tudo... esse, esse conteúdo né, mas a prática, prática vai desde a faculdade, lá nos projetos, todos os movimentos de práticas que a gente tem na faculdade (E3).

[...] Pedagogia do Esporte, questões didáticas, acho que são fundamentais até mesmo mais do que a próprio conhecimento da ginástica né... especialmente isso acho que nas escolinhas, uma coisa que eu senti muita falta enquanto eu, ã... aluna de graduação assim, então acredito que, claro além de toda aquela vivência que eu tive dentro da ginástica, aquele conhecimento técnico acredito que eu adquiri nos anos de experiência na ginástica, fora do ambiente formal de ensino (E4).

[...] tive conhecimentos específicos da GA só na faculdade. [...] a parte prática eu sabia alguma coisa por causa da... do meu passado de... de atleta sim, mas a parte técnica de até a parte de cuidados, de pegada, toda essa função para conseguir dar uma aula, passar o conhecimento certo, foi só... somente na faculdade (E9).

Ainda sobre os saberes da formação profissional, a literatura científica é fonte de diversos autores (NUNOMURA e NISTA-PICCOLO, 2003; ALEIXIO e NUNOMURA, 2018; KUMAKURA, 2012) que contribuem para a produção de conhecimento, o que pode servir como meio de atualização dos entrevistados.

Fatores como a apreciação da literatura e as ferramentas advindas da internet dividem opiniões. Aqueles que afirmaram não se beneficiar da literatura ressaltaram a importância de fatores vinculados à prática. Por outro lado, aqueles que relataram ser a literatura importante e dela se beneficiaram, detiveram um olhar mais acadêmico sobre sua prática.

Os sujeitos da pesquisa E1, E2, E6, E8, e E9 relataram que julgam a literatura pouco importante ou pouco influente em suas vidas, por outro lado, E3, E4 e E5 responderam que se apropriam dessa fonte de conhecimento justamente por julgarem rica essa produção, E7 ponderou as diferentes forças atribuídas a distintas produções, como questões práticas, didático-metodológicas, treinamentos e psicológicas. E a entrevistada E3 avaliou de forma negativa muitas produções disponibilizadas na internet, por outro lado, E6 ponderou que se apropria muito mais dessa fonte de conteúdo. Isso pode refletir a diferença temporal e a formação de cada um.

Quando perguntados sobre as formas de atualização, independentemente da literatura, a maioria, E1, E2, E3, E4, E5, E7 e E8, afirmou que os cursos são a fonte de conhecimento dos quais eles se utilizam. Em seguida, E3, E5, E6 e E9 citaram a internet como uma das formas de atualização. Por fim, visitas a clubes de alto rendimento e percepção autodidata foram pontuadas pelos entrevistados E3 e E6, respectivamente:

[...] livros excelentes, principalmente com relação à pedagogia e o ensino da ginástica, acho que é uma literatura bem boa de ser lida, bem interessante, ã... alguns termos, principalmente, até agora entrando na área da pesquisa assim, lá uns nomes estrangeiros também que trabalham mais com a parte de treinamento, com questões da fisiologia que aqui a gente não tem tanto, que também são importantes (E4).

[...] eu tenho feito bastante capacitações que agora, principalmente nesse tempo remoto, a CBG vem proporcionando e os cursos, né... os cursos, ã... principalmente os cursos de treinamento então, cursos técnicos mesmo, costume... tento fazer todos que estão ao meu alcance assim, os que são mais pertinho tem nomes bem bons que vem trabalhar aqui (E4).

A relação dos entrevistados com a literatura e outras formas de atualização remete aos estudos sobre Socialização Profissional à medida que é nesse processo que ficam evidentes as ligações entre a formação e o acesso aos empregos, desenvolvimento das carreiras e as remunerações (DUBAR, 2005).

No que tange à percepção de colaboração entre pares, os entrevistados foram perguntados como percebem essas relações, de parcerias entre professores/treinadores, troca de conhecimento, de experiências do cotidiano das suas práticas ou eventos. Para além de somente reconhecerem se há ou não, todos, exceto a E8, responderam que percebem e destacam a importância e o papel fundamental do trabalho colaborativo em suas práticas profissionais. Conforme falas abaixo:

[...] eu tenho esses amigos que trabalham sempre, desde sempre comigo. [...] a gente sempre trocou ideia sobre tudo né, de chegar e comentar coisas que acontecem, dificuldades que a gente tem, então acho super importante (E3).

A troca de experiência tem... tem me ajudado muito mais, do que às vezes o curso propriamente dito. O curso vem dá um ponto de insight, às vezes quando eu lido com 20 pessoas diferentes, um sabe um pouco mais disso, outro sabe um pouco mais aquilo, o outro estudou mais tal aparelho e... e vem agregando (E6).

Não é assim, eu acho... de modo geral, não tô falando só de [...] tá? De tudo, eu acho que as pessoas guardam muito pra si, tá? Se possível, se eu tiver... aquela aluna boa e se eu puder pegar pra mim, eu quero (E8).

Para corroborar com a maioria das asserções, um estudo realizado por Mesquita *et al.* (2014) objetiva examinar as fontes de aprendizagens percebidas por treinadores a longo prazo e de que forma elas podem fazer parte da formação de treinadores. O estudo demonstra que eles valorizam muitíssimo a aprendizagem a partir da interação dentro de grupos de trabalho, estendem a situações não mediadas, e ilustram a consciência dos treinadores quanto às facetas sociais e pedagógicas através do poder da aprendizagem por interação com outros treinadores.

Alinhados a esses entendimentos, outros estudos também refletem esse fenômeno de valorização das interações informais, como sendo de extrema importância nas vidas dos treinadores pesquisados. O estudo de Gilbert, Côté e Mallett (2006), conclui que professores/treinadores

anualmente dedicam pouco tempo à educação formal, como clínicas, *workshops* e certificações. No seu estudo Mallett, Trudel e Rynne (2009) trazem a evidência de que os treinadores “sentem” que o ambiente informal oportuniza mais aprendizagens, ou que pelo menos, esse nicho é muito valioso.

A partir de estudos com foco na classe de professores universitários, Meyer, Vosgerau e Borges (2018, p. 04) afirmam que: “Professores que atuam de forma colegiada têm maior motivação e satisfação no exercício da docência, como também podem compartilhar suas experiências, trocar materiais e minimizar inseguranças”. Isso sinaliza a importância agregada ao trabalho colaborativo.

Assim, resgatamos o foco dessa categoria, que é o processo de socialização profissional vivenciado pelos sujeitos, podemos perceber ao longo dos resultados: a heterogeneidade do grupo de professores/treinadores; as diversas formas de se relacionarem com seus saberes; e de se posicionarem diante da apropriação de conhecimentos.

CONCLUSÕES

Dessa análise depreendemos, no que tange aos aspectos pessoais, forte relação com as questões levantadas no processo de socialização antecipatória, visto que, todos os entrevistados de alguma forma tiveram em suas infâncias e juventudes conexões e experiências com atividades físicas, que se não foram exatamente com a Ginástica Artística, com certeza facilitaram sua transferência e adaptação ao universo da modalidade, o que potencializa a escolha profissional e permanência na área.

Essa inferência ratifica a teoria da socialização antecipatória, já que a maioria dos sujeitos afirmou que por conta de suas primeiras aproximações com a Ginástica Artística escolheram as suas profissões, e ainda reconhecem o papel da formação inicial como algo importante em suas carreiras. Um diferencial apontado são as várias gerações e formações encontradas na população, no qual demonstra o quanto a Ginástica Artística em nível de graduação avançou na formação de professores/treinadores, visto que, os relatos apontaram para uma mudança de paradigma, uma vez que a formação inicial contemplou a maioria dos entrevistados de forma positiva.

Precisamos registrar também que o processo de socialização profissional com relação aos saberes que lhes dão suporte, formas de atualização e trabalho colaborativo, perpassam pela mobilização de saberes através da formação inicial e continuada, articulado à inserção ao mercado de trabalho e à forte presença da colaboração entre pares.

Dessa forma, retomamos a contextualização de identidade profissional, os resultados sugerem que de fato se estabelece uma ligação entre experiências prévias, determinada pela prática corporal e

escolhas profissionais, visto que, para vários professores/treinadores entrevistados as identidades herdadas se consolidaram em suas carreiras.

REFERÊNCIAS

- ALEIXIO, Ivana Montandon Soares; NUNOMURA, Myrian. Age perception and sports career in the women's artistic gymnastics. **Science of Gymnastics Journal**, v. 10, n. 3, p. 381-389, 2018. DOI - <https://doi.org/10.52165/sgj.10.3.381-389>
- ANDRADE, Danielle Muller de. **Caracterização dos professores de Educação Física que trabalham com esporte extraclasse: motivações, trajetórias, saberes e identidades**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/123456789/1853>. Acesso em: 26 nov. 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1ª Edição, São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROS, Thais Emanuelli da Silva de. **Aprendizagem profissional de treinadores de ginástica artística**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/167728>. Acesso em: 1 set. 2020.
- BRASIL. **Resolução CFE nº 03, de 16 de junho de 1987**. Brasília, DF, 16 jun. 1987. Disponível em: <http://cref16.org.br/home/mec/ResolucaoCFEn03.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2021.
- BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 01, de 18 de fevereiro de 2002**. Brasília, DF, 18 fev. 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf. Acesso em: 26 jul. 2021.
- BRASIL. **Parecer CNE/CES nº 58 de 18 de fevereiro de 2004**. Brasília, DF, 18 fev. 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/pces058_04.pdf. Acesso em: 26 jul. 2021a.
- BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 7, de 31 de março de 2004**. Brasília, DF, 31 mar. 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfisica.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2021b.
- BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 4, de 6 de abril de 2009**. Brasília, DF, 6 abr. 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rces004_09.pdf. Acesso em: 26 de jul. 2021.
- CARRIDE, Cibelle Amade *et al.* O ensino da ginástica de Itatiba/SP: de voltas às escolas. **Motrivivência**, v. 29, n. 51, p. 83, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n51p83>
- DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FOLLE, Alexandra; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Estudos sobre desenvolvimento profissional: da escolha à ruptura da carreira docente. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 19, n. 4, p. 605-618, 2008. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3521/3791>
- GALATTI, Larissa *et al.* Coaching in Brazil sport coaching as a profession in Brazil: an analysis of the coaching literature in Brazil from 2000-2015. **International Sport Coaching Journal**, v. 3, n. 3, p. 316-331, 2016. DOI – <https://doi.org/10.1123/iscj.2015-0071>
- GILBERT, Wade; CÔTÉ, Jean; MALETT, Cliff. Developmental paths and activities of successful sport coaches. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 1, n. 1, p. 69-76, 2006. DOI - <https://doi.org/10.1260/174795406776338526>

GRAÇA, Amândio. O desporto da escola: enquadramento da prática. *In: GAYA, Adroaldo; MARQUES, Antônio; TANI, Go. (Org.) Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 607.

KUMAKURA, Roberta Santos. **Influência da ginástica artística no desenvolvimento motor de escolares**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde). Universidade Federal de Sergipe. 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/123456789/3873>. Acesso em: 28 ago. 2021.

MALETT, Cliff; TRUDEL, Pierre; RYNNE, Steven. Formal vs. informal coach education. **International Journal of Sports Science & Coaching**. 2009. DOI - <https://doi.org/10.1260/174795409789623883>

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; NUNOMURA, Myrian; MENEZES, Rafael Pombo. Sports coaching science in Brazil. **Sports Coaching Review**, v. 5, n. 2, p. 132-137, 2016. DOI - <https://doi.org/10.1080/21640629.2016.1198453>

MEYER, Patrícia; VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; BORGES, Cecília. Colaboração entre pares em programas de desenvolvimento profissional docente. **Práxis Educativa**, v. 13, n. 2, p. 312-329, 2018. DOI - <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.13i2.0004>.

MESQUITA, Isabel *et al.* Coach learning and coach education: Portuguese expert coaches' perspective. **The Sport Psychologist**, v. 28, n. 2, p. 124-136, 2014. DOI - <https://doi.org/10.1123/tsp.2011-0117>

NUNOMURA, Myrian; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. A Ginástica Artística no Brasil: reflexões sobre a formação profissional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 24, n. 3, p. 175-194, 2003. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/770>

PIRES, Veruska. **A construção da identidade docente em educação física: um estudo com estudantes-estagiários de cursos de formação de professores em Florianópolis/SC**. 2016. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/176732>. Acesso em: 15 jul. 2021.

SAMPAIO, Gabriela Bregue da Silva *et al.* Contexto sociais na formação de treinadoras de ginástica rítmica: a aprendizagem ao longo da vida. **Revista Argentina de Ciencias del Comportamiento**, v. 12, n. 3, p. 32-40, 2020. DOI - <https://doi.org/10.32348/1852.4206.v12.n3.26505>

SCHUELER, Paulo. O que é uma pandemia. **Fundação Oswaldo Cruz**, 2020. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>. Acesso em: 10 out. de 2021.

SILVA, Mariana Teixeira da. **Construção da trajetória docente: um estudo com professores de dança em escolas da cidade de Pelotas/RS**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgef/files/2019/02/Mariana-Teixeira-da-Silva.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2019.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TOZETTO, Alexandre Vinícius Bobato. **Desenvolvimento profissional de treinadores de futebol: perspectiva de aprendizagem ao longo da vida**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/168200>. Acesso em: 1 set. 2020.

YIN, Robert. **Estudo de Caso**. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

NOTA DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal a Nível Superior pela concessão da bolsa de demanda social durante o período de realização do mestrado.

FINANCIAMENTO

Bolsa da capes – demanda social – mestrado.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisas da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas e foi aprovada sob o N° do parecer: 4.033.329 e CAAE 26984619.9.0000.5313.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Bianca Poffo

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória Duarte

HISTÓRICO

Recebido em: 08 de março de 2022

Aprovado em: 20 de janeiro de 2023

